



A pedagogia de Jesus no caminho de Emaús

Jesus' pedagogy on the road to Emmaus

*Helber Augusto de Paiva
Marcela Machado Vianna Torres
Sonia Martins de Almeida Nogueira*

Resumo

Este estudo tem como pedra angular a Páscoa de Jesus e se desenvolve partindo da narrativa de Lucas (24,13-35). Seu objeto de análise é o itinerário da fé pascal, construindo-se com o que é percebido como elementos da pedagogia de Jesus em seu magistério. Entendemos que o texto de Lucas se refere a três cenários: o caminho (vv. 13-28); a aldeia de Emaús (vv. 29-32) e Jerusalém (vv. 33-35) e trabalhamos com os fatos que neles se destacam, três fatos em que a iniciativa é de Jesus.

Com este artigo pretendemos desenvolver uma aproximação do caminho percorrido pelos discípulos de Emaús e identificar os princípios fundamentais da pedagogia de Jesus, com o objetivo de compreender sua ação.

Temos a proposta de dar ênfase ao caminho interior que se percorre neste relato de Lucas e que se faz palavra de anúncio, para que possamos escutar esse anúncio e empreender esse caminho. Fazemos duas perguntas: como reconhecemos Jesus no dia a dia e como buscar Jesus e ter um contato mais real com Ele.

Palavras-chave: Pedagogia de Jesus. Fé pascal. Palavra. Partilha do Pão. O Ressuscitado.

Abstract

The following study is based on Lucas' Narrative (24,13-35) and focuses on the Easter of Jesus. Its object of analysis is the itinerary of the paschal faith, building on what is perceived as elements of Jesus' pedagogy in his teaching. We understand that Lucas' text refers to three scenarios: the path (vv. 13-28); the



village of Emmaus (vv. 29-32), and Jerusalem (vv. 33-35), and we work with the facts that stand out in them, three facts in which the initiative is of Jesus.

With this article, we intend to develop an approximation of the path followed by the disciples of Emmaus and identify the fundamental principles of Jesus' pedagogy aiming to understand their actions.

Throughout the study we aim to emphasize the inner path followed in this story by Lucas which makes the word of the announcement having the intention of hearing that announcement and undertake this path. We will be asking two questions: how I recognize Jesus daily and how I seek Jesus and have more real contact with Him.

Keywords: Pedagogy of Jesus. Easter faith. Word. Sharing Bread. The Resurrected.

Introdução

A Páscoa de Jesus é a pedra angular na construção deste estudo. Partimos da página bíblica de Lc 24,13-35, tendo como objeto de análise o itinerário da fé pascal. Desenvolvemos o trabalho à luz do que percebemos como elementos da pedagogia de Jesus em seu magistério neste relato pascal.

Não temos preocupação exegética neste momento, mas buscamos conduzir a uma experiência em que a Palavra entre profundamente em nós através da abordagem do texto e nos impulse a encontrar e ouvir a palavra de anúncio, presente na narrativa, permitindo-nos empreender o caminho interior para que a Palavra ressoe dentro de nós.

Nossa atenção a alguns aspectos deve desenhar o caminho para que “a Palavra entre dentro de nós, como Palavra que vem do Senhor”.¹ Como em Lc 24,32: “E disseram um ao outro: Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”.

Segundo Brovelli, o relato de Lucas se constrói “num esquema de ida e volta, que, mais adiante, se transforma num caminho interior e espiritual”.² Ainda segundo Brovelli é um movimento *que vai da esperança perdida à esperança recuperada* (grifo nosso), em que Lucas traz uma notícia que está prenhe de fé, tem dentro de si uma densidade de escuta, de prova, de desejo e

¹ BROVELLI, F., Entrar em la Pascua, p. 9.

² BROVELLI, F., Entrar em la Pascua, p. 11.



de seguimento.³ O texto de Lucas, assim entendemos, se refere a três cenários: o caminho (vv.13-28), a aldeia de Emaús (vv.29-32) e Jerusalém (vv.33-35). São três os fatos que se destacam: 1) Jesus se aproxima e caminha com os discípulos (v.15): a mesa da Palavra; 2) Jesus parte o pão (v.30): a mesa do Pão; e 3) Jesus fica invisível diante deles (v.31). Nestes três fatos, Jesus é o protagonista, a iniciativa é dele. Quando Jesus se introduz no caminho dos discípulos, o caminhar deles se converte num movimento ao encontro de Jesus.

Com este estudo, pretendemos desenvolver uma aproximação do caminho percorrido pelos discípulos de Emaús e identificar os princípios fundamentais da pedagogia de Jesus, com o objetivo de compreender sua ação, estabelecendo uma relação interpessoal, em que está o princípio da escuta, do caminhar com. Ele pergunta, escuta, admoesta, instrui, provocando a reflexão. É um procedimento de maiêutica.

O relato de Lucas nos permite esperar que a experiência do encontro com o Ressuscitado possa ser vivida por todos nós, discípulos de Jesus, e inspirar ânimo e valor à nossa missão evangelizadora no anúncio de Cristo a uma sociedade em que se acentuam o individualismo, o desânimo, a desesperança, o imediatismo. E pensamos, como Tavares D' Amaral, em pessoas que podem estar sendo aposentadas da vida:

Pensamos nos pobres, nos que vivem abaixo da linha d'água. Nos sufocados, nos exauridos. Naqueles a quem arrancaram as entranhas onde poderia estar (Nietzsche disse) a verdade. A mais verdadeira, a que faz limite com a fome e a náusea. Aqueles a quem arrancaram os olhos e a esperança. Penso, pensamos nesses. São pesadelos de ignomínia. [...] A vida é esmagada pela gula daqueles a quem a comida sobra. Pelo orgulho dos que olham para o outro lado. Pela cobiça.⁴

1. O percurso e a experiência do encontro

Dois autores, predominantemente, alimentam a argumentação neste item 1, Carlos Dreher e Álvaro Barreiro, embora tenhamos recorrido a outros autores. A partir de seus textos, desenvolvemos uma abordagem que se detém mais particularmente no conteúdo teológico da perícopes e se organiza em: os discípulos e a cultura do silêncio; o diálogo de Jesus com os discípulos e a

³ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 12.

⁴ TAVARES D'AMARAL, M., "Uma pedra em cada braço", p. 2.



explicação das Escrituras – a Palavra; a mesa da partilha e o reconhecimento – a Eucaristia e a experiência do Senhor e o retorno para a comunidade.

O relato bíblico descreve o encontro de Jesus com Cleófas e um outro discípulo. Podemos imaginar este outro discípulo como: Lucas; a esposa de Cleófas, Maria; um outro discípulo do grande grupo dos discípulos que acompanhava Jesus; cada um de nós quando lê o texto bíblico.

Os discípulos de Emaús haviam deixado Jerusalém entristecidos e conversavam a respeito de tudo o que havia ocorrido. Afastaram-se do grupo de discípulos porque o sonho acabara, não esperavam mais nada, mas não conseguiam esquecer o que tinham vivido ao lado do Mestre. Iam pelo caminho com passos lentos, decepcionados, desesperançados. A morte de Jesus fazia com que se sentissem desolados e confusos, viviam uma grande frustração. Pagola descreve a situação dos discípulos, afirmando que, embora nada lhes faltasse do que é necessário para crer, pois “conhecem os escritos do Antigo Testamento, a mensagem de Jesus, sua atuação e morte na cruz”,⁵ e, também, ouviram a mensagem da ressurreição, eles caminhavam envoltos em tristeza e desânimo. No entanto, conversavam e discutiam sobre Ele.

Jesus se aproxima dos dois, a iniciativa é dele, e não é reconhecido. Seus olhos estavam impedidos de reconhecê-lo. Jesus se interessa pelo que conversam e eles parecem estranhar sua pergunta, pois todos em Jerusalém sabiam o que havia ocorrido nos últimos dias. Mas ouvem o desconhecido, que lhes vai explicando o que ocorreu. Se os seus olhos não se abrem imediatamente, o coração “começa a arder”. O que impede o reconhecimento de Jesus é a falta de fé. Em sua nova forma de existência, o Ressuscitado está sempre presente no meio dos discípulos, mas essa nova forma de presença não lhes é visível aos olhos.

1.1. Os discípulos e a cultura do silêncio

A iniciativa do diálogo é de Jesus. Jesus pergunta o que está acontecendo. Pergunta e se cala. Ouve com interesse a resposta. Eles se espantam com a ignorância do passante, que desconhece os últimos acontecimentos de Jerusalém. Contam que acreditavam que Jesus seria o Messias. Eles esperavam que Deus fosse vingá-lo no mesmo dia de sua condenação e crucifixão e, passados três dias, suas esperanças não haviam sido atendidas. A cruz é a causa do medo, da tristeza e da falta de esperança. Sabiam que as mulheres haviam

⁵ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p.358.



comunicado sua experiência de encontrarem o túmulo vazio e que haviam tido uma visão de anjos que declaravam que Ele “está vivo”. Também sabiam que alguns discípulos foram ao túmulo, encontraram as coisas como as mulheres haviam dito, mas não viram Jesus. Tomaram o caminho para Emaús carregando em si tristeza e desânimo.

Os discípulos estavam imersos na cultura do silêncio, uma condição em que os oprimidos não falam, ficam calados, só expõem o que lhes foi permitido dizer. As pessoas não falam o que sabem que o outro não quer ouvir. Por medo, os discípulos desacreditaram da história que haviam vivenciado. Eles silenciaram-se, dando voz aos opressores da classe sacerdotal e aos romanos. Mal sabiam o que estava por vir, que a vitória estava na cruz e que Jesus não os decepcionaria.

A cultura do silêncio pode acontecer também nos momentos em que a derrota toma conta de nós. Quando algo dá errado, só mais à frente vamos entender que talvez não fosse tão errado assim, (fazia parte do projeto de Deus). É preciso confiar e saber esperar.

Muitas pessoas não falam o que pensam porque temem ser marginalizadas. A cultura do silêncio é um problema universal e causa danos morais, psicológicos e físicos. Como ajudar as pessoas a dizerem sua própria palavra? Como fazer com que esta palavra não seja só um lamento? É preciso ouvi-las e encorajá-las. Ninguém é “tão errado” que não possua virtudes; mesmo nos piores momentos, todos temos valor diante de Deus. Os “sem voz” podem obtê-la a partir de uma escuta atenta e carinhosa. Jesus lidou com aqueles “silenciados” escutando-os.

1.2. O diálogo de Jesus com os discípulos e a explicação das Escrituras – a Palavra

De acordo com Orígenes, devemos guardar pela Palavra de Deus o mesmo respeito que temos por seu Corpo Eucarístico. Segundo Santo Ambrósio, primeiro devemos nos alimentar da Palavra, alimento deixado pelos apóstolos, para depois saciar-nos com o alimento de Cristo, o Corpo do Senhor.⁶

O Vaticano II redescobriu e revalorizou o tema patrístico das “duas mesas”: Mesa da Palavra e Mesa do Pão. E a *Dei Verbum* afirma que a Igreja sempre venerou as divinas Escrituras, da mesma forma como o corpo do Senhor, pois, sobretudo na Sagrada Liturgia, “não deixando jamais de se

⁶ BARREIRO, A., O itinerário da fé pascal, p. 50-51.



alimentar do pão da vida à mesa, quer da Palavra de Deus, quer do corpo de Cristo, e de o distribuir aos fiéis”.⁷

Esta é a mesa da Palavra. Jesus se faz presente na caminhada dos discípulos. Jesus se aproxima enquanto os dois seguidores conversam, continuam falando de Jesus. Ele se faz presente ali, onde há interesse por sua mensagem, onde falam dele, de sua vida. Jesus insiste nas perguntas, queria saber o que eles sabiam. Os dois se espantam com a ignorância do passante. Não o reconhecem. O desconhecido pergunta mais, embora saiba do que se trata. Queria ouvir daquelas pessoas como experimentaram a cruz.

Os discípulos respondem ao passante que Jesus de Nazaré era um profeta poderoso em ação e palavras. Fazem uma narrativa do que Jesus disse e fez. Esperavam que fosse libertar Israel, mas fora crucificado pelos sacerdotes. O poder religioso e o poder político haviam causado a cruz.

Relatam que algumas mulheres do grupo ao irem ao túmulo o encontraram vazio e tiveram visões de anjos dizendo que Jesus estava vivo, mas que alguns dos seus foram ao túmulo e não o viram. Nem mesmo o testemunho das mulheres e o de Pedro ao confirmar que o túmulo estava vazio, os fizeram continuar em Jerusalém.

Jesus se aproximara dos discípulos demonstrando uma atitude curiosa e interessada, querendo saber como enxergavam as experiências vividas em Jerusalém, como experimentaram a cruz, como eles entendiam os fatos. Era preciso saber como os interlocutores enxergavam a realidade, pois pessoas diferentes possuem modos diversos de ver o mesmo fato. Não é que não soubesse do que acontecera. “Sabe-o, mas de sua experiência. Não sabe como aquelas pessoas o experimentaram. Pois, afinal, pontos de vista são distintos”.⁸

A captação da realidade é individual, subjetiva, cada ser humano tem a sua, cada cultura, cada comunidade tem uma própria. Jesus quis entender como aquelas pessoas enxergavam a vida, quis saber de seus medos, tristezas, aflições para poder entrar em sintonia com sua visão de mundo. Jesus quis ajudá-los a abrir os olhos para enxergar algo que vem de dentro: a fé. Jesus pôs-se junto aos discípulos, caminhando com eles e provocando-os para, através da reflexão, alcançarem a sistematização e produção de conhecimento. A proximidade foi sua metodologia. Buscou estabelecer uma relação interpessoal.

“A incompreensão dos discípulos, a dificuldade em crer não somente nas Escrituras, mas em tudo que Jesus anunciou com Sua vida, fez com que Ele

⁷ DV 21.

⁸ DREHER, C. A., *A Caminho de Emaús*, p. 14.



mudasse sua pedagogia com relação aos discípulos: ‘insensatos e lentos de coração’ (v.25)”.⁹ Ele os repreende. Chama a atenção dos discípulos, que se lamentavam pela morte do Mestre e por acreditarem que o sonho tinha acabado. Mas, Jesus saíra vitorioso sobre a morte, revelara o significado do mistério pascal e seu desígnio salvífico, porém os dois discípulos não haviam esperado. Deixaram Jerusalém antes de chegar o terceiro dia. Ouviram relatos das mulheres e de Pedro, mas não lhes deram crédito. Empreenderam o caminho para Emaús.

A repreensão de Jesus ressalta que, para segui-lo, é necessário passar pelo sofrimento, carregar a cruz. O amor e fidelidade a Deus são mais fortes do que o mal e a morte. Fala a eles com autoridade severa, mas impregnada de amor.

Após sua admoestação, Jesus, pacientemente, passa a explicar as Escrituras, mostrando a eles tudo o que na Bíblia se refere a Ele. Seu amor incondicional, que proporcionou sua escuta atenta e seu olhar amoroso, o faz conduzir essa explicação. “E, começando por Moisés e percorrendo todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito” (v.27). E a interpretação feita por Jesus vai abrindo-lhes os olhos e ensinando-os a fazer uma nova leitura das Escrituras. “Jesus os ajuda a aprofundar-se na identidade do Messias crucificado”.¹⁰ Um processo de aprendizagem.

Esse processo começa, portanto, quando Jesus, depois de saber sobre a realidade dos discípulos, parte para as Escrituras. Percebe-se que Jesus coloca a vida das pessoas em primeiro lugar e que Bíblia fica em segundo plano. Ele promove uma “genuína comunicação humana, que não é só de ideias, não só de sentimentos, mas sim de pessoa a pessoa – razão, afetividade e vontade – de Eu e Tu, integrando o Nós numa perspectiva de interpessoal”.¹¹

Jesus discorre sobre o passado, através das Escrituras, faz uma memória das experiências vividas pelo povo de Israel, do qual os discípulos faziam parte. Ele fala de Moisés, dos Profetas, Livros Históricos, percorre toda a Bíblia, as Escrituras de seu povo, não escolhendo textos, dando-lhes uma visão geral da história da salvação. “A palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4,12), “capaz de edificar e dar-vos a herança em todos os santificados” (At 20,32; 1Ts 2,13).

E assim, neste solo confortável, conhecido por eles, pode fazê-los entender, à luz das Escrituras, que o Cristo deveria sofrer a sua paixão para entrar na sua glória. Houve uma releitura da Promessa e a compreensão de seu cumprimento. A cruz era sinal de vitória e não um escândalo, uma derrota.

⁹ PAIVA, A. C. C., A Pedagogia de Jesus no Caminho de Emaús, p. 9.

¹⁰ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p.362.

¹¹ ARROYO, M., Educar-se y Educar Hoy, p. 146.



A Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina, *Dei Verbum*, nos afirma que:

Nos Livros Sagrados, o Pai que está nos céus vem amorosamente ao encontro de seus filhos a conversar com eles; e é tão grande a força e a virtude da Palavra de Deus, que se torna o apoio vigoroso da Igreja, a solidez da fé para os filhos da Igreja, o alimento da alma e a fonte pura e perene da vida espiritual.¹²

Somente à luz das Escrituras puderam compreender que o sofrimento da cruz fez parte do plano salvífico de Deus. A cruz vista de uma maneira nova causa uma reviravolta no “olhar” dos últimos acontecimentos. Será que de fato tinham testemunhado o que as Escrituras haviam prometido?

O caminhar com Jesus vai abrindo-lhes os olhos paulatinamente, nada é de repente. A conversão é lenta, gradual. Primeiro sofrem a *metanóia*, transformação espiritual, e depois mudança moral. Da cegueira inicial, eles já começam a enxergar a história da Salvação contada por aquele passante. E seus corações ardem.

A morte do Cristo era algo inevitável, não era opcional. Ele é o Salvador, veio para nos redimir do pecado e da morte. Sua vida foi uma entrega e a morte de cruz não contradiz seu poder, mas pretende mostrar a verdadeira força do amor. A morte de cruz mostra o messianismo de Jesus, do servo que se entrega a si mesmo, que é obediente ao Pai até o final.

1.3. A mesa da partilha e o reconhecimento – a Eucaristia

Lucas nos mostra dois caminhos para recuperar a fé viva no Ressuscitado: a escuta da palavra e o gesto da Eucaristia.

A Bíblia é fundamental no processo de transformação da realidade. É ela que nos orienta, nos dá coragem, esperança e força; no entanto, somente ela não basta. Para os discípulos de Emaús somente ouvir as palavras de Jesus não foi suficiente para reconhecê-lo: o coração ardeu, mas os olhos não se abriram. Foi necessário o gesto de partir o pão para que os olhos deles se abrissem e o reconhecessem.

Quando se aproximam do povoado, Jesus simula ir mais adiante. A pedagogia de Jesus é a pedagogia da liberdade, não da imposição. Agora, a decisão é dos dois. Ou deixam Jesus partir ou tomam a decisão de pedir a Ele

¹² DV 25.



que fique. Eles, então, insistem, dizendo: “Fica conosco, já é tarde e já declina o dia” (v.29).

Ao pedir que Jesus permaneça com eles, os discípulos, num gesto concreto, praticam a lei da hospitalidade. O texto diz que o “forçaram” para que permanecesse com eles, isto é, insistiram, de acordo com os rituais da cultura oriental, e particularmente da palestinese (Lc 14,23), que aceitasse a hospitalidade oferecida. O peregrino, por sua parte, agindo também ele de acordo com os costumes orientais, só aceita o convite depois de ser insistentemente rogado (Gn 19,3; At 16,15), e entra para ficar com eles (Lc 24,29): “Fica conosco! Finalmente, com essas palavras, os dois iniciam o processo de conversão. Ou seja, libertam-se de seus medos, do desânimo e da tristeza que os consumiam”.¹³

Houve o convite para partilhar a casa e a mesa, o que só era dado aos mais íntimos. Acolher um estranho importava abrir o coração. Sentar à mesa com ele era sinal de comunhão, de intimidade. E nessa relação Jesus se revela a eles:

E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e deu-o a eles. Então seus olhos se abriram e o reconheceram; ele, porém, ficou invisível diante deles. E disseram um ao outro: “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,30-32).

O que chama atenção é o desconhecido tomar a iniciativa de partir o pão, o que nos leva a crer que cada um colocou o que tinha e partilhou com os outros. E é através deste gesto fraterno, gesto comunitário da partilha, típico de Jesus, coerente com sua pregação, que seus anfitriões o reconhecem. A Palavra fez arder o coração, mas foi o gesto comunitário que lhes abriu os olhos.

Dreher expõe que, em Lucas, como se pode ver mais explicitamente no Livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,42-46; 4,32-35), a partilha é a característica fundamental das comunidades cristãs. Partir o pão, no sentido de colocar em comum o que todos têm, a fim de que ninguém passe necessidade, é a prática primeira das comunidades, aprendida de Jesus nas tantas vezes em que repetiu o gesto.¹⁴

Ao ser reconhecido, Jesus desaparece diante dos olhos dos discípulos, porém, não de suas vidas. Ele pode desaparecer, porque se tornou “desnecessário”. Os discípulos sabem agora que a História não acabou. Pela fé,

¹³ PAIVA, A. C. C., *A Pedagogia de Jesus no Caminho de Emaús*, p. 13.

¹⁴ DREHER, C. A., *A Caminho de Emaús*, p. 65.



eles sabem da presença do Senhor onde há o partir e o compartilhar do pão: “Ele está no meio de nós”. Naquela mesma hora, voltam a Jerusalém, de onde haviam fugido cheios de medo e de desesperança. E vão voltar para retomar o movimento de Jesus onde ele parecia haver parado. Estão prontos para caminhar por si próprios.

Apesar das fraquezas, dos medos e dos fracassos dos discípulos, Jesus confiou a eles continuarem o seu projeto. Ele acreditou que eles saberiam caminhar com seus próprios pés. É a confiança de Jesus na fragilidade humana. O Mestre confia em seus discípulos.

2. Viver e testemunhar a fé cristã

Temos a proposta de dar ênfase ao caminho interior que se percorre neste relato de Lucas e que se faz palavra de anúncio, para que possamos escutar esse anúncio e empreender esse caminho, suportados pelo texto “*Entrar em la Pascua. Meditaciones*”, de Franco Brovelli. Segundo o autor, Lucas sublinha que ocorreu um passo da tristeza para a alegria, da morte para a vida. Este seu relato é um comentário, uma notícia que está encharcada de fé.

Na expressão “ocorreu que” (v.30), quando Jesus se pôs à mesa com os discípulos, temos a introdução de um fato totalmente inédito, que não se poderia prever, muito menos esperar, argumenta Brovelli.¹⁵ Ele tomou o pão, o partiu e deu a eles. E eles o reconheceram. E o relato deixa de ser o de um simples fato ocorrido em Emaús e se torna o relato de um caminho para o encontro com Ele.

Brovelli se dispõe a destacar alguns passos decisivos nesta passagem do Evangelho de Lucas. O caminho se converte num caminho de encontro porque Jesus se introduz no caminho dos discípulos, caminha com eles.

O primeiro passo evidencia tudo o que faz referência a Jesus de Nazaré no relato de Lucas: “que foi profeta poderoso em obras e em palavras, diante de Deus, e diante de todo o povo”: (v.19). Os discípulos não percebem nenhum nexo de continuidade entre o profeta poderoso e o Messias crucificado. De um lado, estão os discípulos que não compreendem, seus olhos não se abrem. Do outro, a proximidade do Ressuscitado, que assume o encargo de sua angústia, de sua percepção de um sonho que terminara em derrota. E aqui se inicia o caminho interior que conduz a ver na cruz o que proporciona “o fundamento verdadeiro da esperança”.¹⁶ Aqui começa a se desenrolar o caminho interior,

¹⁵ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 13.

¹⁶ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 14.



com um desvelar-se progressivo das Escrituras, rememoração e releitura do Antigo Testamento.

O segundo passo situa a cruz como núcleo do acontecimento cristão, o centro do anúncio da Páscoa. “Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?” (v.26). Era algo que tinha que acontecer: “um ponto de chegada perseguido intencionalmente, uma palavra do Evangelho que tem o gosto e o selo do definitivo, cuja peculiaridade é que não é somente palavra anunciada, mas vida entregue, sangue derramado”.¹⁷

No interior da fé, esta passagem mostra que a cruz não está em contradição com o poder de Jesus de Nazaré. Jesus procede do Pai e sua função é a redenção. A cruz demonstra a verdadeira força do amor. “O passo interior de um messianismo superficial ao autêntico é, precisamente, o que ocorre no interior da fé”.¹⁸

O terceiro passo vai do desejo da companhia de Jesus ao seu reconhecimento nos gestos do Ressuscitado. Em Lucas, esta passagem se conclui com o desaparecimento de Jesus. Este acontecimento quer fazer com que os discípulos entendam que a modalidade da comunhão com Jesus não é possuí-lo, mas a de comunhão com seus sinais de Ressuscitado. Um gesto de reconhecê-lo, que é muito mais que ver. O Senhor se faz invisível, mas não por isto se diminui sua presença.

Esta passagem do Evangelho de Lucas foi escrita para quem quer estar no caminho, “para quem está no caminho, para os peregrinos da história, para nós, que estamos no tempo da ausência do Senhor”.¹⁹

Este é o tempo da ausência. É o tempo do anúncio da Páscoa de Jesus, do Senhor ressuscitado. Segundo Brovelli:

Cada um de nós deve encontrar em si as ressonâncias particulares com o próprio ministério, uma vez que esta página dialoga com o acontecimento de nossa vocação, com a modalidade particular com que cada um é convidado a ser discípulo de Jesus, lembrando que esta modalidade tem uma característica fundamental: o serviço ao Evangelho, o ministério pastoral junto às pessoas, dentre os caminhos da comunidade.²⁰

¹⁷ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 14-15.

¹⁸ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 15.

¹⁹ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 16.

²⁰ BROVELLI, F., *Entrar em la Pascua*, p. 17.



No nosso tempo da ausência de Jesus, temos que saber manter essa ausência. O texto nos diz que é possível reconhecê-lo, mas é preciso estar em comunhão com ele, através de sinais e símbolos, na Palavra, na Eucaristia. O símbolo mais evidente é a Eucaristia, momento de comunhão profunda.

No caso de quem se propõe ao papel de catequista, ou evangelizador, ocorre o medo da aproximação mais profunda da Palavra. Como explicar aos outros? Precisamos de uma familiaridade profunda com a Palavra. Corremos o risco de escutar o relato da Palavra, sem que nossos olhos se abram.

Brovelli pergunta: “Como mantenho a ausência de Jesus? Como sigo o caminho da busca de Jesus, sabendo que não posso dispor dele como desejaria?”²¹

A dimensão da ausência do Senhor se suporta com uma busca mais intensa, com um desejo mais profundo.²² O autor se refere à questão dos sacerdotes, mas podemos transcrever sua argumentação visando à nossa própria vivência voltada para uma proposta de evangelizadores: “Mesmo que se faça muito pelas pessoas, é preciso amadurecer uma vigilância que evite o apego do coração às coisas, ao dinheiro, ao que se construiu”.²³ Precisamos ser capazes de cultivar uma tensão espiritual profunda em direção ao Senhor.

Assim como Jesus, é preciso ter coragem para desaparecer. Como discípulos missionários, precisamos seguir em frente levando sua mensagem e precisamos ter também a coragem de entregar o processo nas mãos das comunidades, nas mãos do povo. O Espírito sopra onde quer. Não é necessário que nós estejamos sempre aí para garantir que tudo corra bem, que tudo dê certo.

3. O que temos como desafio

Nosso tempo é o da ausência de Jesus e temos que saber lidar com essa ausência e reconhecê-lo nos símbolos, na Palavra e na Eucaristia:

Na Missa ou Ceia do Senhor, o povo de Deus é convocado e reunido, sob a presidência do sacerdote que faz as vezes de Cristo, para celebrar o memorial do Senhor ou sacrifício eucarístico. A esta assembleia local da santa Igreja se aplica eminentemente a promessa de Cristo: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou Eu no meio deles”

²¹ BROVELLI, F., Entrar em la Pascua, p. 20.

²² BROVELLI, F., Entrar em la Pascua, p. 20.

²³ BROVELLI, F., Entrar em la Pascua, p. 21.



(Mt 18,20). Com efeito, na celebração da Missa, em que se perpetua o sacrifício da cruz, Cristo está realmente presente: na própria assembleia congregada em seu nome, na pessoa do ministro, na sua palavra e, ainda, de uma forma substancial e permanente, sob as espécies eucarísticas.²⁴

Jesus está presente no meio de nós. Essa foi sua promessa. Como reconheço Jesus no dia a dia? Como buscar Jesus e como ter um contato mais real com Ele? A ausência do Senhor é suportável na medida em que se faça uma busca mais intensa, com um desejo mais profundo. Palavra e Eucaristia, atos de devoção e conexão com Deus. A fé amadurece lentamente. Não é algo imediato e que causa uma falsa segurança. Quem reconhece Cristo recupera a verdadeira face do Pai e não duvida de sua existência. Não tem imagem errada de Deus.

Que lugar ocupam as Escrituras na minha/nossas vida/vidas? O que faço/fazemos para que o povo de Deus tenha acesso a sua explicação? Como reler as escrituras em meu/nosso contexto atual? Como anunciar Cristo numa sociedade secularizada e individualista? Qual a resposta às injustiças e maldades do mundo que nos faz questionar onde Deus está diante dessas situações? Qual a essência do Evangelho? Será que vivo a essência dos ensinamentos de Jesus?

A resposta está na vida de Jesus. Deus leva adiante seu plano salvífico respeitando a liberdade humana. A cruz faz parte da vida de todos. O essencial no Evangelho é a vida, vida plena, feliz e abundante. Para Jesus, o mais importante foi o bem-estar do ser humano. Ele morreu por nós. Somos seu maior tesouro.

4. Proposta para enfrentar os desafios

Lucas nos mostra dois caminhos para recuperar a fé viva no Ressuscitado: a escuta da palavra e o gesto da Eucaristia. Se, em algum momento, as palavras de Jesus nos comovem, fazem arder o coração, é sinal de que a fé está despertando. Mas, isto não é suficiente. Segundo Lucas, é necessário fazer a experiência da ceia eucarística. Os dois discípulos sentem necessidade da companhia de Jesus, querem que ele permaneça junto deles.

Dois experiências chave fazem parte do relato: i) sentir arder o coração ao recordar a mensagem e a pessoa de Jesus, suas obras, milagres, parábolas, discursos, seu exemplo; ii) sentir que, na celebração da Eucaristia, sua pessoa nos alimenta, fortalece e consola. A fé no Ressuscitado cresce assim na Igreja,

²⁴ IGMR 27.



em comunidade. Essas experiências são a experiência de recordar Jesus nas Palavras e na Eucaristia.

Necessitamos nas comunidades aprofundar-nos na mensagem de Jesus e na sua atuação, meditar em sua crucificação. Se em algum momento, Jesus nos comove, se suas palavras começam a penetrar em nosso coração a ponto de fazê-lo arder, é sinal de que nossa fé está despertando.

Conclusão

O relato de Lucas nos revela um caminho para nos encontrarmos com o Ressuscitado. Sugere dois caminhos para recuperar a fé: a escuta da palavra de Jesus e a experiência do gesto da Eucaristia. O que podemos fazer para manter viva a fé? Se não nos faltam palavras e celebrações, pode nos faltar uma experiência mais viva, uma experiência mais viva de Jesus. Jesus torna-se presente “onde se comenta seu Evangelho, onde há interesse por sua mensagem, onde se conversa sobre seu estilo de vida e seu Projeto”.²⁵

Podemos acrescentar: “Precisamos abrir mais os olhos de nossa fé e descobri-lo cheio de vida em nossas eucaristias. Jesus não está ausente. Ele caminha conosco”.²⁶

Com efeito, a Igreja inteira exprime na Eucaristia a sua fé: depois de ter escutado a Palavra, professa-se a fé no mistério eucarístico, revelação e dom do próprio Deus em Jesus, que leva os cristãos à doação plena e perfeita de si mesmos. Sobretudo na Eucaristia, fé significa reconhecer e acolher Jesus Cristo como num *encontro*, em que a pessoa do fiel se envolve totalmente, a exemplo de Maria, modelo de fé plenamente realizada.

A Eucaristia tem um papel de fortalecimento na vida do cristão. “Receber Jesus nos transforma n’Ele, nos faz mais fortes”.²⁷ Na Eucaristia, encontramos e acolhemos Cristo e nos envolvemos com sua presença real. A fé nos torna firmes e fortes, nos permite seguir em frente e enfrentar com cabeça erguida as desilusões que aparecem na vida. “O pão e o vinho, matéria que Jesus Cristo escolheu para toda a Santa Missa, unem a celebração eucarística à realidade do mundo criado e confiado ao homem (Gen 1,28)”.²⁸

Com isso, refletimos que a Eucaristia vai além do sacramento. Ela nos pede que vivamos segundo Cristo. Como disse o Papa Francisco, “Cada vez

²⁵ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 362.

²⁶ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 363.

²⁷ VATICAN NEWS, Papa.

²⁸ SÍNODO DOS BISPOS – XI Assembleia Geral Ordinária, A Eucaristia, p.20.



que nós comungamos, mais nos assemelhamos a Jesus, mais nos transformamos em Jesus”.²⁹

O ano de 2005 homenageou a Eucaristia. Naquela altura:

O Papa fez um vivo apelo a toda a Igreja para que o Ano da Eucaristia fosse também ocasião de um empenho sério e profundo na luta contra o drama da fome, o flagelo das doenças, a solidão dos anciãos, as dificuldades dos desempregados e as deslocções dos migrantes. Os frutos desse empenho serão a prova da autenticidade das celebrações eucarísticas.³⁰

Em nossas comunidades encontramos espaços para a vivência da fé, mas devemos estar atentos ao pessimismo e desencanto de muitos, que não encontram uma Igreja viva e dinâmica e sim imóvel e defasada e dela se afastam, se distanciam, como uma fuga para Emaús. Mas, nessa Igreja habita o Ressuscitado. E é preciso que se restabeleça para eles (talvez para nós mesmos) “a vinculação com algum grupo cristão, comunidade, movimento ou paróquia onde possamos compartilhar e reavivar nossa esperança em Jesus”.³¹

Na realidade que nos envolve existem forças, anseios e diferenças que precisam ser conhecidas, que pedem atenção redobrada, e é “na vida concreta da comunidade, reunida em torno da Palavra e da Eucaristia, que devemos fazer a experiência do Ressuscitado”.³²

Referências bibliográficas

ARROYO, M. **Educar-se y Educar Hoy**. Madrid: Editorial CCS, 2002.

BARREIRO, A. **O itinerário da fé pascal**. Pelo caminho de Emaús (Lc 24, 13-35). São Paulo: Edições Loyola, 2001.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. Ver. e ampl. 9. reimpr. São Paulo: Paulus, 2013.

BROVELLI, F. **Entrar em la Pascua**. Meditaciones. Madrid: San Pablo, 2006.

²⁹ VATICAN NEWS, Papa.

³⁰ SÍNODO DOS BISPOS – XI Assembleia Geral Ordinária, A Eucaristia, p. 19-20.

³¹ PAGOLA, J. A., O caminho aberto por Jesus, p. 364.

³² PAIVA, A. C. C., A Pedagogia de Jesus no Caminho de Emaús, p. 20.



CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação divina**. São Paulo: Paulinas, 2015.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. **Instrução Geral do Missal Romano (IGMR)**. Disponível em: <<https://hojeediadeliturgia.wordpress.com/2013/07/04/678/>>. Acesso em: 24 out. 2017.

DREHER, C. A. **A Caminho de Emaús**. São Leopoldo, RS: CEBI, 2003.

PAGOLA, J. A. **O caminho aberto por Jesus**: Lucas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PAIVA, A. C. C. **A Pedagogia de Jesus no Caminho de Emaús**. Trabalho apresentado no Curso de Pós-Graduação em Pedagogia Bíblica. Brasília: PUC Goiás / CNBB, 2016.

SÍNODO DOS BISPOS – XI ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA. **A Eucaristia**: Fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. *INSTRUMENTUM LABORIS*. São Paulo: Paulinas, 2005.

TAVARES D'AMARAL, M. “Uma pedra em cada braço”. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 11 nov. 2017. Segundo Caderno, p. 2.

VATICAN NEWS. **Papa**: Eucaristia nos fortalece e nos faz dar frutos. Cidade do Vaticano, 21 de março de 2018. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-03/papa-francisco-audiencia-geral-missa-eucaristia-comunhao.html>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

Helber Augusto de Paiva

Graduando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: helber@puc-rio.br

Marcela Machado Vianna Torres

Graduanda em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: marcelamvtorres@gmail.com



ISSN 2763-9762

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.TeoP.2763-9762.2021v1n1p26

Sonia Martins de Almeida Nogueira

Graduanda de Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro / RJ – Brasil

E-mail: smanogueira@infolink.com.br

Recebido em: 02/03/21

Aprovado em: 21/06/21